

NOME:

LÍNGUA PORTUGUESA

QUESTÃO 01

(ENEM/2019) Leia o texto a seguir.

Uma ouriça

Se o de longe esboça lhe chegar perto,  
Se fecha (convexo integral de esfera),  
Se eriça (bélica e multiespinhenta):  
E, esfera e espinho, se ouriça à espera.  
Mas não passiva (como ouriço na loca);  
Nem só defensiva (como se eriça o gato);  
Sim agressiva (como jamais o ouriço),  
Do agressivo capaz de bote, de salto  
(Não do salto para trás, como o gato):  
Daquele capaz de salto para o assalto.  
Se o de longe lhe chega em (de longe),  
De esfera aos espinhos, ela se desouriça.  
Reconverte: o metal hermético e armado  
Na carne de antes (côncava e propícia),  
E as molas felinas (para o assalto),  
Nas molas em espiral (para o abraço).

MELO NETO, J. C. A educação pela pedra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

Com apuro formal, o poema tece um conjunto semântico que metaforiza a atitude feminina de

- (A) tenacidade transformada em brandura.
- (B) obstinação traduzida em isolamento.
- (C) inércia provocada pelo desejo platônico.
- (D) irreverência cultivada de forma cautelosa.
- (E) desconfiança consumada pela intolerância.

QUESTÃO 02

(ENEM-PPL/2019) Leia o texto a seguir.

Biografia de Pasárgada

Quando eu tinha meus 15 anos e traduzia na classe de grego do D. Pedro II a Ciropédia, fiquei encantado com o nome dessa cidadezinha fundada por Ciro, o Antigo, nas montanhas do sul da Pérsia, para lá passar os verões. A minha imaginação de adolescente começou a trabalhar, e vi Pasárgada e vivi durante alguns anos em Pasárgada.

Mais de vinte anos depois, num momento de profundo desânimo, saltou-me do subconsciente este grito de evasão: “Vou-me embora pra Pasárgada!” Imediatamente senti que era a célula de um poema. Peguei do lápis e do papel, mas o poema não veio. Não pensei mais nisso. Uns cinco anos mais tarde, o mesmo grito de evasão nas mesmas circunstâncias. Desta vez, o poema saiu quase ao correr da pena. Se há belezas em “Vou-me embora pra Pasárgada!”, elas não passam de acidentes. Não construí o poema, ele construiu-se em mim, nos recessos do subconsciente, utilizando as reminiscências da infância — as histórias que Rosa, minha ama-seca mulata, me contava, o sonho jamais realizado de uma bicicleta etc.

BANDEIRA, M. Itinerário de Pasárgada. São Paulo: Global, 2012.

O texto é um depoimento de Manuel Bandeira a respeito da criação de um de seus poemas mais conhecidos.

De acordo com esse depoimento, o fazer poético em

“Vou-me embora pra Pasárgada!”

- (A) acontece de maneira progressiva, natural e pouco intencional.
- (B) decorre de uma inspiração fulminante, num momento de extrema emoção.
- (C) ratifica as informações do senso comum de que Pasárgada é a representação de um lugar utópico.
- (D) resulta das mais fortes lembranças da juventude do poeta e de seu envolvimento com a literatura grega.
- (E) remete a um tempo da vida de Manuel Bandeira marcado por desigualdades sociais e econômicas.

### QUESTÃO 03

(ENEM-PPL/2019) Leia o texto a seguir.

#### Canção

No desequilíbrio dos mares,  
As proas giram sozinhas...  
Numa das naves que afundaram  
É que certamente tu vinhas.

Eu te esperei todos os séculos  
Sem desespero e sem desgosto,  
E morri de infinitas mortes  
Guardando sempre o mesmo rosto.

Quando as ondas te carregaram  
Meus olhos, entre águas e areias,  
Cegaram como os das estátuas,  
A tudo quanto existe alheias.

Minhas mãos pararam sobre o ar  
E endureceram junto ao vento,  
E perderam a cor que tinham  
E a lembrança do movimento.

E o sorriso que eu te levava  
Desprende-se e caiu de mim:  
E só talvez ele ainda viva  
Dentro destas águas sem fim.

MEIRELES, C. In: SECCHIN, A. C. (Org.). Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Na composição do poema, o tom elegíaco e solene manifesta uma concepção de lirismo fundada na

- (A) contradição entre a vontade da espera pelo ser amado e o desejo de fuga.
- (B) expressão do desencanto diante da impossibilidade da realização amorosa.
- (C) associação de imagens díspares indicativas de esperança no amor futuro.
- (D) recusa à aceitação da impermanência do sentimento pela pessoa amada.
- (E) consciência da inutilidade do amor em relação à inevitabilidade da morte.



### QUESTÃO 04

(ENEM-PPL/2019) Leia o texto a seguir.

O mato do Mutúm é um enorme mundo preto, que nasce dos buracões e sobe a serra. O guará-lobo trota a vago no campo. As pessoas mais velhas são inimigas dos meninos. Soltam e estumam cachorros, para ir matar os bichinhos assustados — o tatú que se agarra no chão dando guinchos suplicantes, os macacos que fazem artes, o coelho que mesmo até quando dorme todo-tempo sonha que está sendo perseguido. O tatú levanta as mãozinhas cruzadas, ele não sabe — e os cachorros estão rasgando o sangue dele, e ele pega a sororocar. O tamanduá. Tamanduá passeia no cerrado, na beira do capoeirão. Ele conhece as árvores, abraça as árvores. Nenhum nem pode rezar, triste é o gemido deles chamando socorro. Todo choro suplicando por socorro é feito para Nossa Senhora, como quem diz a salve-rainha. Tem uma Nossa Senhora velhinha. Os homens, pé-ante-pé, indo a peitavento, cercaram o casal de tamanduás, encantados contra o barranco, o casal de tamanduás estavam dormindo. Os homens empurraram com a vara de ferrão, com pancada bruta, o tamanduá que se acordava. Deu som surdo, no corpo do bicho, quando bateram, o tamanduá caiu pra lá, como um colchão velho.

ROSA, G. Noites do sertão (Corpo de baile). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

Na obra de Guimarães Rosa, destaca-se o aspecto afetivo no contorno da paisagem dos sertões mineiros.

Nesse fragmento, o narrador empresta à cena uma expressividade apoiada na

- (A) plasticidade de cores e sons dos elementos nativos.
- (B) dinâmica do ataque e da fuga na luta pela sobrevivência.
- (C) religiosidade na contemplação do sertanejo e de seus costumes.
- (D) correspondência entre práticas e tradições e a hostilidade do campo.
- (E) humanização da presa em contraste com o desdém e a ferocidade do homem.



## QUESTÃO 05

(ENEM/2018) Leia o texto a seguir.

O trabalho não era penoso: colar rótulos, meter vidros em caixas, etiqueta-las, selá-las, envolve-las em papel celofane, branco, verde, azul, conforme o produto, separá-las em dúzias... Era fastidioso. Para passar mais rapidamente as oito horas havia o remédio: conversar. Era proibido, mas quem ia atrás de proibições? O patrão vinha? Vinha o encarregado do serviço? Calavam o bico, aplicavam-se ao trabalho. Mal viravam as costas, voltavam a taramelar. As mãos não paravam, as línguas não paravam. Nessas conversas intermináveis, de linguagem solta e assuntos crus, Leniza se completou. Isabela, Afonsina, Idália, Jurete, Deolinda – foram mestras. O mundo acabou de se desvendar. Leniza perdeu o tom ingênuo que ainda podia ter. Ganhou um jogar de corpo que convida, um quebrar de olhos que promete tudo, à toa, gratuitamente. Modificou-se o timbre de sua voz. Ficou mais quente. A própria inteligência se transformou. Tornou-se mais aguda, mais trepidante.

REBELO, M. A estrela sobe. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

O romance, de 1939, traz à cena tipos e situações que espelham o Rio de Janeiro daquela década. No fragmento, o narrador delinea esse contexto centrado no

- (A) julgamento da mulher fora do espaço doméstico.
- (B) relato sobre as condições de trabalho no Estado Novo.
- (C) destaque a grupos populares na condição de protagonistas.
- (D) processo de inclusão do palavrão nos hábitos de linguagem.
- (E) vínculo entre as transformações urbanas e os papéis femininos.

## QUESTÃO 06

(ENEM/2017) Leia o texto a seguir.

### O farrista

Quando o almirante Cabral  
Pôs as patas no Brasil  
O anjo da guarda dos índios  
Estava passeando em Paris.  
Quando ele voltou de viagem  
O holandês já está aqui.  
O anjo respira alegre:  
“Não faz mal, isto é boa gente,  
Vou arejar outra vez.”  
O anjo transpôs a barra,  
Diz adeus a Pernambuco,  
Faz barulho, vuco-vuco,  
Tal e qual o zepelim  
Mas deu um vento no anjo,  
Ele perdeu a memória...  
E não voltou nunca mais.

MENDES, M. História do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

A obra de Murilo Mendes situa-se na fase inicial do Modernismo, cujas propostas estéticas transparecem, no poema, por um eu lírico que

- (A) configura um ideal de nacionalidade pela integração regional.
- (B) remonta ao colonialismo assente sob um viés iconoclasta.
- (C) repercute as manifestações do sincretismo religioso.
- (D) descreve a gênese da formação do povo brasileiro.
- (E) promove inovações no repertório linguístico.

## QUESTÃO 07

(ENEM-PPL/2016) Leia o texto a seguir.

### Anoitecer

A Dolores  
É a hora em que o sino toca,  
Mas aqui não há sinos;  
Há somente buzinas,  
Sirenes roucas, apitos  
Aflitos, pungentes, trágicos  
Uivando escuro segredo;  
Desta hora tenho medo.  
[...]

É a hora do descanso,  
Mas o descanso vem tarde,  
O corpo não pede sono,  
Depois de tanto rodar;  
Pede paz — morte — mergulho  
No poço mais ermo e quedo;  
Desta hora tenho medo.

Hora de delicadeza,  
Agasalho, sombra, silêncio.  
Haverá disso no mundo?  
É antes a hora dos corvos,  
Bicando em mim, meu passado,  
Meu futuro, meu degredo;  
Desta hora, sim, tenho medo.

ANDRADE, C. D. A rosa do povo. Rio de Janeiro: Record, 2005 (fragmento).

Com base no contexto da Segunda Guerra Mundial, o livro *A rosa do povo* revela desdobramentos da visão poética. No fragmento, a expressividade lírica demonstra um(a)

- (A) defesa da esperança como forma de superação das atrocidades da guerra.
- (B) desejo de resistência às formas de opressão e medo produzidas pela guerra.
- (C) olhar pessimista das instituições humanas e sociais submetidas ao conflito armado.
- (D) exortação à solidariedade para a reconstrução dos espaços urbanos bombardeados.
- (E) espírito de contestação capaz de subverter a condição de vítima dos povos afetados.



## QUESTÃO 08

(ENEM-PPL/2016) Leia o texto a seguir.

O bonde abre a viagem,  
No banco ninguém,  
Estou só, estou sem.  
Depois sobe um homem,  
No banco sentou,  
Companheiro vou.  
O bonde está cheio,  
De novo porém  
Não sou mais ninguém.

ANDRADE, M. Poesias completas. Belo Horizonte: Wa Rica, 1993.

O desenvolvimento das grandes cidades e a consequente concentração populacional nos centros urbanos geraram mudanças importantes no comportamento dos indivíduos em sociedade. No poema de Mário de Andrade, publicado na década de 1940, a vida na metrópole aparece representada pela contraposição entre:

- (A) solidão e a multidão.
- (B) a carência e a satisfação.
- (C) a mobilidade e a lentidão.
- (D) a amizade e a indiferença.
- (E) a mudança e a estagnação.



## QUESTÃO 09

(ENEM-PPL/2016) Leia o texto a seguir.

### Descobrimento

Abancado à escrivaninha em São Paulo  
Na minha casa da rua Lopes Chaves  
De sopetão senti um friúme por dentro.  
Fiquei trêmulo, muito comovido  
Com o livro palerma olhando pra mim.  
Não vê que me lembrei que lá no Norte, meu  
Deus! Muito  
longe de mim,  
Na escuridão ativa da noite que caiu,  
Um homem pálido, magro de cabelos escorrendo nos  
olhos  
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,  
Faz pouco se deitou, está dormindo.  
Esse homem é brasileiro que nem eu...

ANDRADE, M, Poesias completas. São Paulo: Edusp, 1987.

O poema Descobrimento, de Mário de Andrade, marca a postura nacionalista manifestada pelos escritores modernistas. Recuperando o fato histórico do “descobrimento”, a construção poética problematiza a representação nacional a fim de:

- (A) resgatar o passado indígena brasileiro.
- (B) criticar a colonização portuguesa no Brasil.
- (C) defender a diversidade social e cultural brasileira.
- (D) promover a integração das diferentes regiões do país.
- (E) valorizar a Região Norte, pouco conhecida pelos brasileiros.

## QUESTÃO 10

(ENEM-PPL/2016) Observe o quadro a seguir.



O modernismo brasileiro teve forte influência das vanguardas europeias. A partir da Semana de Arte Moderna, esses conceitos passaram a fazer parte da arte brasileira definitivamente.

Tomando como referência o quadro O mamoeiro, identifica-se que, nas artes plásticas, a:

- (A) forma estética ganha linhas retas e valoriza o cotidiano
- (B) imagem privilegia uma ação moderna e industrializada.
- (C) imagem passa a valer mais que as formas vanguardistas.
- (D) natureza passa a ser admirada como um espaço utópico.
- (E) forma apresenta contornos e detalhes humanos.

## GABARITO

- Questão 01 – A
- Questão 02 – B
- Questão 03 – B
- Questão 04 – E
- Questão 05 – E
- Questão 06 – B
- Questão 07 – C
- Questão 08 – A
- Questão 09 – C
- Questão 10 – B